

A marquesa cientista

Texto Jorge Calado

Emilie, marquesa de Châtelet (1706-1749), foi uma das mulheres mais admiráveis do século XVIII. Falava cinco línguas e correspondia-se com os maiores — entre eles, Frederico, “o Grande”, da Prússia. Em toda a Europa não haveria mais do que uma dúzia de cabeças capazes de entender a matemática de Newton. Pois a marquesa não só traduziu como comentou os “Princípios Matemáticos de Filosofia Natural” (1687), fazendo a síntese com as ideias de Descartes e Leibniz. Escreveu um livro, “Instituições de Física” (1740), para educação científica dos filhos, e foi também a verdadeira autora dos “Elementos da Filosofia de Newton” (1738), de Voltaire (que foi seu amante durante mais de uma década). É esta a protagonista da mais recente ópera da compositora finlandesa Kaija Saariaho (n. 1952), “Emilie”, estreada em Lyon, em 2010 (ver Atual de 16/2010). Desta vez, Saariaho optou pelo monodrama (um único intérprete), de rica tradição operática (por exemplo, “La voix humaine”, de Francis Poulenc). Como sempre, o libreto é do libano-francês Amin Maalouf. Amor, maternidade, fortaleza são

constantes na obra dramática de Saariaho, nomeadamente em “L’amour de loin” (2000) e “Adriana Mater” (2006). O monólogo apanha Emilie grávida de nove meses, com a premonição da morte, ansiosa por terminar a tradução da obra magna de Newton. O estilo é confessional, dirigido aos homens da sua vida, a si própria, ao filho que vai nascer. Saariaho mistura os instrumentos tradicionais, incluindo o cravo amplificado, com a eletrónica para criar uma atmosfera cintilante e espectral, sugestiva da “música das esferas” (cosmológicas). Emilie conseguiu terminar a tradução dos famosos “Princípios”, de Newton (ainda hoje, a única tradução francesa da obra), mas morreu do parto, aos 42 anos. À cabeceira do seu leito de morte estavam três homens: o marquês (seu marido), Voltaire (ex-amante) e o cavaleiro-poeta Jean Saint-Lambert (pai da criança acabada de nascer). “Emilie”, dedicada à sua criadora, Karita Mattila, é uma coencomenda da Fundação Gulbenkian, mas em Lisboa vai ser cantada por Barbara Hannigan, notável intérprete do repertório contemporâneo, que se estreou na Gulbenkian há um ano. Em compensação, Mattila apresentar-se-á nos dias 31 de janeiro e 1 de fevereiro, em concertos dirigidos pelo próximo diretor musical da Orquestra Gulbenkian, Paul McCreesh, cantando os “Vier Letzte Lieder” (1950), de Richard Strauss.

P.S. — Na apresentação de “Les Troyens”, na semana passada, escrevi erradamente que a ópera só foi estreada na Ópera de Paris em 2003, no bicentenário de Berlioz. Foi-o, de facto, na abertura da Opéra-Bastille, em 1990, mas muito cortada. A excelente produção de 2003, disponível em DVD, foi dirigida por John Eliot Gardiner no Teatro do Châtelet. ▲

SAARIAHO: “EMILIE”

Hannigan, Orquestra Gulbenkian, Martínez-Izquierdo (d), Araújo + Teodósio (e) Gulbenkian, Lisboa, quinta, 21h, e sexta, 19h



KAYHAN KALHOR & ALI BAHRAMI FARD
Culturgest, Lisboa, sexta, 21h30

A música que Kayhan Kalhor e Ali Bahrami Fard vêm apresentar à Culturgest, inspirada pela repressão aos protestos que se seguiram ao anúncio da vitória de Ahmadinejad nas eleições presidenciais de 2009 no Irão, é, em disco (“I Will Not Stand Alone”), tanto um elegíaco ciclo quanto um resistente clamor. E a opção dos músicos em mergulhar mais nas sombras dos graves (Kalhor estreia no álbum uma variante do *kamancheh* criada pelo prestigiado *luthier* Peter Biffin, cujo acréscimo de cordas permite uma aproximação àquela crueza reverberante e textural da viola da gamba, e Fard apresenta-se no *santour* baixo, de 96 cordas, percutido por plectros, espécie de Bösendorfer Imperial do universo dos címbalos) deve ser compreendida sob esse prisma. Pois, aqui, tudo emana das trevas — fé, arte e política, num mesmo cárcere. Mas Kalhor, que, no passado, em registos com o Kronos Quartet, com o projeto Silk Road, de Yo-Yo Ma, ou nas colaborações com o indiano Shujaat Husain Khan e com o turco Erdal Erzincan (editadas pela ECM), sempre salvaguardou princípios de tolerância com uma certa ecumenidade, subverte as expectativas do próprio luto, acendendo uma centelha nas profundezas, transformando ardor em combustível através de fórmulas melismáticas que arrancam as entranhas às modalidades clássicas persas. Sobre o tumulto criado por Fard, que toca como se precisasse de acender 96 pavios com recurso a um único fósforo, Kalhor procede quase como um vândalo da melancolia, ornando em espirais as colunas que sustentam as ruínas do mundo, numa abundância de notas e efeitos, um desamparado hinologista numa câmara escura contando os raios de sol, articulando um pedido de misericórdia e um arrependido lamento pelo verdugo que há no Homem.

João Santos



Retrato de Emilie du Châtelet
por Maurice Quentin de La Tour